

SEGUNDO CADERNO

DOMINGO 5.5.2013
oglobo.com.br

A trama parece digna do criador de 'O código Da Vinci': isolados num 'bunker' na Itália e cercados por um forte esquema de segurança, 11 tradutores passaram sete semanas mergulhados em 'Inferno', novo livro do autor, que chega no dia 24 ao Brasil

Segredos de DAN BROWN

ALEX ADAMI
Especial para O GLOBO*
segundocaderno@oglobo.com.br

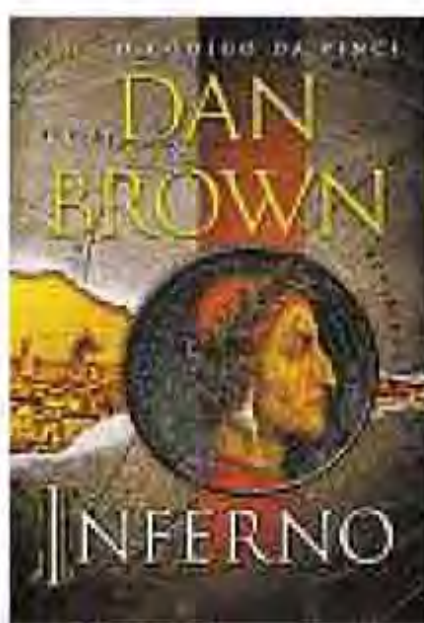
Livros secretos, códigos de segurança, armas de fogo, *bunkers*, informações ocultas. Na história a seguir, há tudo isso. E, embora se trate de Dan Brown, o autor de "O código Da Vinci", não há ficção nenhuma aqui. Tudo começou no dia 18 de fevereiro, em um esconderijo subterrâneo vigiado por dois seguranças armados, apelidado de "o bunker". Lá dentro, 11 indivíduos que não falam a mesma língua: ouvem-se frases em alemão, francês, português, espanhol, catalão e italiano. Dada a segurança da operação, o *bunker* fica no último lugar em que alguém iria procurá-lo: embaixo de um prédio frequentado diariamente por 400 jornalistas — o edifício Mondadori, sede da editora de mesmo nome, projetado por Oscar Niemeyer, às portas de Milão. Assim que entram no *bunker*, as 11 pessoas têm seus celulares apreendidos, bem como quaisquer outros dispositivos com que possam se comunicar com o exterior. Tudo o que têm é um crachá e alguns cigarros — para os que fumam. Lá fora, o dia. Logo vai nevar, mas o clima pouco importa quando se é obrigado a permanecer em um *bunker* durante dois meses, incluindo os domingos. Não interessa em quantas semanas os "reclusos" levarão a missão a cabo. Nenhum deles poderia abandonar o local definitivamente antes de 5 de abril. E, no dia de "relaxamento", nenhum deles seria mais como antes.

Estamos falando de um mistério dentro do mistério: a gênese "europeia" de "Inferno", o mais novo livro de Dan Brown, o quarto protagonizado pelo professor de História da Arte e Simbologia Robert Langdon, que será lançado no Brasil no dia 24 de maio, pela editora Sextante.

PAUSA PARA VER A NEVE

Os "reclusos" são os tradutores do livro (dias depois, dois editores se somariam a eles), chegados da França, da Espanha, da Alemanha, do Brasil e da Itália. A cada manhã, uma van particular os levava até o *bunker*. Todos trabalhavam ali, sem descanso, diariamente, até as nove da noite, quando novamente entravam na van e eram conduzidos de volta. Cada movimento deles era anotado num registro. Consultá-lo, agora, significa ter uma ideia mais precisa do seu dia a dia: "Pausa para fumar", "Passeio rápido", "Refeição", "Olhar a neve". Sim, a neve. Fabiano Moraes, um dos tradutores do Brasil, nunca a tinha visto. Quando notou, através de frestas nas janelas, que caíam alguns flocos de neve, pediu para sair, para descobrir que efeito tinha.

Tudo aconteceu sob os olhares de guardas armados, segundo um rígido código de segurança: nenhum documento podia sair do *bunker*. Nenhum telefonema era admitido. Os computadores em que se faziam as traduções



10 MANDAMENTOS

'Inferno'

Os tradutores não podiam falar com ninguém sobre a trama

Papelada

Eles não podiam levar para fora do bunker qualquer material sobre o livro, fosse impresso ou digital

Telefones

Celulares e outros instrumentos de comunicação eram vetados

Conexão

Dispositivos pessoais conectados à internet eram proibidos

Circulação

Não era permitido andar pelo edifício Mondadori, com exceção do refeitório e do café

Identificação

Os tradutores deviam estar sempre de crachá

Explicações

A equipe não devia falar sobre os motivos de sua presença no prédio

Acesso

Só tradutores, editores e seguranças podiam entrar no bunker

Idas e vindas

Eles deviam assinar um papel toda vez que precisassem sair do local

Pesquisa

Os tradutores podiam acessar a internet em computadores vigiados por seguranças

não tinham acesso à internet: havia terminais à parte, para pesquisas, vigiados por membros da segurança. Nenhum dos tradutores podia sequer revelar o motivo pelo qual estava ali: cada um tinha uma espécie de "álibi", uma história para despistar os curiosos, que também não pode ser revelada, nem mesmo agora que a operação de tradução já está concluída e os documentos em papel (que, obviamente também eram secretos), destruídos.

Excessos? Não propriamente quando se observam os números: "O código Da Vinci" vendeu, em todo o mundo, 80 milhões de cópias (1,9 milhão só no Brasil). Ao todo, Dan Brown vendeu 150 milhões de livros (4,7 milhões no Brasil). Os dois filmes com Tom Hanks baseados em suas obras ("O código Da Vinci" e "Anjos e demônios") renderam US\$ 1,25 bilhões.

'VONTADE DE ESTAR COM MEU GATO'

Aproximar-se do *bunker*, portanto, era impossível: só se pode reconstituir o que aconteceu nos dois meses de trabalho falando com os tradutores, depois de voltarem a suas casas. E a descrição de seu dia a dia mereceria — ela também — um romance.

— Viver em um *bunker* e dormir em um hotel, desconectados da realidade — explica Alejo Montoto, tradutor espanhol.

— Foi uma experiência verdadeiramente insólita, porque o nosso trabalho é muito solitário — acrescenta o alemão Rainer Schumacher.

— Éramos como marinheiros no mesmo barco — comenta o francês Dominique Defert.

— A experiência nos permitiu mergulhar completamente no livro de Dan Brown — explica Carole Delporte, também francesa. — Mas, estar distante da minha família por tanto tempo, foi fatigante.

Esthel Roig, tradutora catalã, terminou a operação exausta:

— Eu dormia em um hotel, no meio do nada. O resto era trabalho no *bunker*. Agora, só tenho vontade de estar um pouco com o meu gato.

Nicoletta Lamberti, a terceira tradutora italiana, acrescenta:

— Eu sofri, por não poder traduzir com a música a todo o volume. Meu outro hábito é trabalhar descalça: depois dos primeiros dias, muito formais, não fiz por menos. E ninguém se escandalizou.

Agora, com o livro já impresso e o primeiro capítulo já divulgado, sabe-se que, desta vez, o professor Robert Langdon se vê envolvido com uma organização chamada O Consórcio. Ele irá tentar decifrar um enigma que tem como pano de fundo o italiano Dante Alighieri, autor de "A divina comédia". O resto é mistério...●

*Reportagem publicada na revista italiana "Sorrisi e Canzoni"

Na página 2, a odisseia dos brasileiros

REPRODUÇÃO



FOTOS DE CLAUDIO SPORZISSE E CANZONI



Originais. Seguranças recolhiam as traduções



Cofre. Celulares e outros equipamentos dos tradutores ficavam trancados



Registro. A movimentação de cada um era anotada num livro



Credenciais. Todos no "bunker" tinham que usar identificação

BRASILEIROS CONTAM EXPERIÊNCIA NO 'BUNKER'

O pior, para a brasileira Fernanda Abreu, era não trabalhar de pijama. Tradutora experiente, ela estava mais acostumada ao trabalho solitário — e feliz — de profissional freelancer. Nada de cartão de ponto. Ônibus para o trabalho, perder tempo no trânsito? Nem pensar.

— Há muito tempo eu não precisava me preocupar em como me vestir para trabalhar — diz a tradutora, que demorava 40 minutos para chegar ao local.

Parece que todo mundo sentiu saudades de casa. Fernanda lembra de pessoas reclamando da altura das cadeiras, que podia piorar uma tendinite, por exemplo. E também das dificuldades de pesquisar na internet — algo impensável para quem faz tradução —, já que só quatro computadores tinham conexão com a rede. E era preciso dividi-los com os demais.

— No começo, achei que ia ser péssimo, mas até que não foi difícil. No fim, conseguimos



DIVULGAÇÃO/CLAUDIO SFORZA/SORRISI E CANZONI

Linha de montagem.

Fernanda Abreu (de saia xadrez) e Fabiano Moraes (de bigode), com os outros tradutores de "Inferno", no subsolo da editora italiana Mondadori

dividir bem o trabalho — conta Fabiano Moraes, o outro tradutor brasileiro. Ele diz ter ficado mais cansado pelo trajeto de 45 minutos entre Milão e o edifício-sede da editora italiana Mondadori do que pela tradução sob pressão.

Em uma aspecto, Fernanda e ele concordam: era bom ter

companhia no sufoco. Dava para tirar dúvidas com a equipe italiana, que conhecia detalhes das obras de arte de seu país retratadas no livro. Fernanda, que é uma fumante comedida, passou a fumar mais. Só para poder socializar com os amigos de outras nacionalidades. Também achou bom trabalhar com a editora

Rachel Agavino, já que o contato do tradutor com o editor costuma ser só por telefone ou e-mail. Os três guardaram tão bem o segredo que, juram, nem os donos da editora Sextante, os irmãos Marcos e Tomás Pereira, sabem detalhes da trama. ●

Maurício Meireles